

# Português é 'língua oficial' de vila libanesa

## Habitantes de Sultan Yakoub sentem-se brasileiros

**Gustavo Chacra**

ENVIADO ESPECIAL  
SULTAN YAKOUB, LÍBANO

Quem visita Sultan Yakoub pode pedir informações em português – qualquer um responde sem problemas. Nessa pequena vila numa colina isolada no meio do Vale do Bekaa, quase todos os mil habitantes já moraram ou ainda têm parentes no Brasil.

Hussein el-Jaroush é um deles. Nascido no Líbano, ele foi para o Brasil duas décadas atrás e viveu no País por 13 anos. Passou por Salvador, Rio de Janeiro, Recife, Maceió e, como muitos conterrâneos, terminou em Santo André. Na cidade do ABC paulista, existe até uma espécie de clube, chamado "Chácara Sultan Yakoub", onde os originários desta vila do Líbano se reúnem para jogar futebol e fazer churrasco.

Há alguns anos, Hussein voltou ao Líbano para cuidar dos pais, mas não cortou seus laços com o Brasil. Palmeirense, ele sempre discute futebol com o primo, o corintiano Jamal, de 39 anos, que largou o emprego numa madeireira para ser verdureiro em Sultan Yakoub.

Jamal sempre fala em português com seu filho, apesar de muitas vezes receber a resposta em árabe. A ideia é manter a ligação com o Brasil pela língua.

Ambos têm um sentimento de dupla nacionalidade compar-



INFOGRÁFICO/AE

tilhado por muitos ali. Nascido no Líbano, Jamal Chahim, que mora há 18 anos no Brasil e estava de passagem para visitar a família, sente como se pertencesse aos dois países.

"Isso é comum no mundo de hoje", explicou o antropólogo Paulo Pinto, diretor do Instituto de Oriente Médio na Universidade Federal Fluminense, numa entrevista ao **Estado** em Beirute. "Antigamente as pessoas migravam e não voltava mais. Hoje, com a internet e a facilidade de locomoção, elas circulam mais nos dois países."

Em Sultan Yakoub as referências ao Brasil estão em toda parte. Uma central distribui as imagens da Globo e da Record mediante o pagamento de uma mensalidade. Arroz, feijão e leite condensado brasileiros são vendidos no pequeno mercado. Às vezes, tem até guaraná.

Lamia Arab, nascida em Santos de pais de Sultan Yakoub, casou-se há 11 anos e veio morar

com o marido libanês na cidade. "Faço comida brasileira todos os dias", disse. "Também não perco as novelas."

Mohamad Chahim, de 84 anos, já foi e voltou três vezes. A primeira, em 1949. "Eu era mascate na Vila Formosa", disse, lamentando que, por causa da idade, não tem mais condições de viajar para o Brasil. Seus cinco filhos, junto com os netos, visitam-no todos os verões libaneses (invernos no Brasil).

Uma das poucas pessoas que não fala português é o prefeito Mohammad Saleh, bastante admirado pelos brasileiros. Sunitas, quase todos os habitantes da cidade apoiam a coalizão governista 14 de Março, que é rival dos xiitas do Hezbollah.

### IMIGRAÇÃO RECENTE

Além da presença brasileira, o que diferencia Sultan Yakoub das cidades vizinhas é que seus habitantes não deixaram o país na primeira onda migratória libanesa, no final do século 19 e início do 20.

Esse é o caso, por exemplo, de Zahle, principal cidade do Vale do Bekaa. Lá, a principal avenida se chama Brasil. Mas embora famílias conhecidas em São Paulo, como a do político Paulo Maluf, sejam originárias de Zahle, hoje há poucos "brasileiros" na cidade. ●